

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

DOM BELTRÃO

—«Quêdos, quêdos, cavalleiros,
Que El-Rei os manda contar.»
Contaram e recontaram
Sò um lhes vinha a faltar:
Era elle Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos,
Se não n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio,
Nos portos do mal passar.
Deitam sortes á ventura,
A qual o ha de ir buscar.
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem n'ó ha de ir buscar;
Todas sete lhe cahiram
Ao bom velho do seu pae.
Volta redeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lhe a sorte não cahira,
Nunca elle havia ficar.
Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vae pelos montes,
De noite vae pelo valle,
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar

Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal.
—Cavalleiro d'armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por esta ribeira fôra,
Ninguem, não o viu passar.
Vae andando, vae andando,
Sem nunca desanimar.
Chega aquella mortande
D'onde fôra Roncesval:
Os braços já tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o velho triste.
Voltou por um areal,
Viu estar um pèrro moiro
Em seu adarne a velar:
—«Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me enganar:
Cavalleiro d'armas brancas
Se o viste porqui passar.
Hontem á noite seria,
Horas do gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A oiro o hei-de pezar.»
—«Esse cavalleiro, amigo,
Diz-me tu que signaes traz.»
—«Branças são as suas armas,
O cavallo tremedal,
Na ponta da sua lança
Levava um branco seudal
Que lhe bordou sua dama,
Bordado a ponto real.»
—«Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal,

Sete feridas no peito,
 A qual será mais mortal:
 Por uma lhe entra o sol,
 Por outra lhe entra o luar,
 Pela mais pequena d'ellas
 Um gavião a voar.»
 — «Não torno a culpa a meu filho
 Nem aos moiros de o matar;
 Torno a culpa ao seu cavallo
 De o não saber retirar.»
 Milagre: quem tal diria,
 Quem tal pudéra pensar!
 O cavallo meio morto
 Alli se poz a fallar:
 — «Não me tornes essa culpa,
 Que m'a não pôdes tornar:
 Tres vezes o retirei,
 Tres vezes para o salvar;
 Tres me deu de espora e redea
 Co'a sanha de pelear.
 Tres vezes me apertou cilhas,
 Me alargou o peitoral. . .
 A' terceira fui a terra
 D'esta ferida mortal.»

(Do Romanceiro)

MISCELLANEA FOLK-LORICA

XVXXX

(Romance)

Frei João

—Donde vindes mulher minha
 Que assim vindes enfeitada?
 —Venho d'ouvir missa nova
 Que frei João a cantava.
 —Aqui te dou uma facada,
 Do lado do coração,
 P'ra que não tornes a ouvir
 Missa cantada de frei João,
 —Não se me dá de morrer
 Que para morrer nasci,

Dasso-me de frei João
 Ficar no mundo sem mim.

(Elvas)

...X...X...

XIX

(Romance)

D. Angela de Medina

(Excerpto)

.....

 Um grande tropel se ouvia,
 Era D. João que chegava;
 Aondo esperava D. Angela
 A sua aia que encontrava,
 Na sacada do palacio,

Toda de lucto vestida.
 —Dizei-me vós, ó senhora,
 Por quem trazeis esse dó,
 Por quem andaes tão sentida?
 —Por D. Angela de Medina
 Que por vós é fallecida,
 Pediu-me que vos entregasse
 Este rosario que elle tinha,
 E que vós lh'o rezasseis,
 Um anno de dia a dia.—
 D. João que isto ouvia,
 Para traz morto cahia.
 Acodem-lhe os seus amigos
 Com um copo d'agua fria.
 Logo que tornou a si,
 Pede para que o deixem
 Alli só som companhia.
 D'alli foi para a egreja
 Aonde a sua bella jazia:
 Cem vezes rezou o rosario,
 Cem vezes o rezaria;
 Ao soluçar que fazia
 Sacristão que acudia:
 —Que fazeis, ó cavalleiro,
 Que fazeis ó vida minha?
 —Peço-te, ó sachristão,
 Peço-te por tua vida,
 Me digas a sepultura
 De D. Angela de Medina.
 —Lá cima ao altar mór,
 Aos pés de Santa Cath'rina,
 —Peço-te ó sachristão.
 Peço-te por tua vida,
 Me ajudes a levantar a campa
 Que eu mui bem te pagaria.—
 Levantam os dois a campa,
 Na sepultura ella se via:
 —Deus te salve, bella aurora,
 Claro sol do meio dia,
 Que te fez o eterno pintor
 Que todas as cousas cria;
 Volvo á vida minha bella,
 Que viver sem ti não podia.
 —Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já vivi,
 Braços com que te abraçava
 Já não tem vigor em si.
 —Volvo á vida, minha bella.
 Que não posso viver sem ti.
 —Vive tu, meu namorado,
 Vive tu, que eu já vivi,
 Becca com que te beijava
 Já não tem sabor em si.

 Fidalgos e cavalleiros.
 Todos á uma diziam:
 —Dem-na, dem-na a D. João,

Que elle bem na è mer'cida,
 Dem-na, dem-na, a D. João,
 Que de morta a tornou viva.

(Elvas).

...X...
 XX
 (Romance)
 Santa Isabel

Rainha Santa Izabel,
 Mulher d'el-rei D. Diniz,
 Muitas esmolas que dava
 A ninguém as entregava,
 P'las suas santas mãos as dava.
 Um dia lhe aconteceu,
 Indo e'o seu regaço occupado,
 Com el-rei se ha encontrado,
 E elle lhe ha perguntado:
 —O que levaes, Senhora,
 No vosso regaço?
 —Levo cravos e rosas,
 P'ra vosso desenfado.
 —Cravos em janeiro
 São maravilha achados.—
 A santa se humildou,
 Seu regaço lhe amostrou,
 Uma capella de rosas
 Outra de cravos achou.
 Um dia lhe aconteceu
 Ir ó seu palacio pedir
 Um pobresinho leproso
 Com cinco chagas abertas;
 Dizei-me, ó meu irmão,
 Se vosso mal não tem cura?
 —O meu mal não tem cura,
 Nem será remediado;
 Eu vos peço, Senhora,
 Que por vossas santas mãos
 Meu corpo seja lavado.—
 A santa, que isto ouviu,
 O' seu quarto o levou,
 N'uma bacia de prata
 Seu santo corpo lavou,
 Com 'na toalha bem fina
 Seu santo corpo limpou,
 Na cama onde el-rei dormia
 Seu santo corpo deitou.
 Um cavalleiro, que isto viu,
 Foi muito triste o fatigado:
 —Saiba Vossa Magestade,
 Saiba Vossa Senhoria,
 A Rainha minha Senhora
 Pela clemencia que ousou,
 Um pobresinho leproso
 Na vossa cama o deitou.—
 El-rei, que isto ouviu;

(Continúa)